

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

WELINGTON MARTINS SANTOS

**“PORQUE VOCÊ É NEGRO, JEREMIAS!”: REPRESENTAÇÃO E
TRANSCODIFICAÇÃO DO NEGRO EM *JEREMIAS – PELE***

UBERLÂNDIA, MG

2022

WELINGTON MARTINS SANTOS

**“POR QUE VOCÊ É NEGRO, JEREMIAS!”: REPRESENTAÇÃO E
TRANSCODIFICAÇÃO DO NEGRO EM *JEREMIAS – PELE***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras:
Português e Literaturas de Língua Portuguesa: Licenciatura, da
Universidade Federal de Uberlândia, como registro para a obtenção do
título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fonseca Andrade

Introdução

A representação hoje, principalmente com o avanço dos estudos culturais, foge do viés comum, metafísico, da representação como “reflexo”, e assume um carácter político e essencial na construção social da realidade. Ao tomarmos a representação como um processo político, abre-se a oportunidade de indagações acerca do que é representado? Quem são os representados e como é esta representação? Estes questionamentos são pertinentes até porque, como assume Ituassu, “[n]esse contexto, da ‘representação política’, não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial” (2016, p.13).

Concebendo a representação e a representatividade como projeto político, “[...] o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social” (ALMEIDA, 2021, p.109), desta maneira não temos como negar que a representatividade é um grande avanço na luta antirracista. Silvio Almeida ainda menciona as duas principais contribuições: a primeira possibilita a abertura a reivindicações de minorias no espaço político; e a segunda tem o objetivo de “[...] dismantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade” (2021, p.110).

Deste modo, este presente trabalho de conclusão de curso busca analisar o modo como são representadas as personagens negras na narrativa gráfica *Jeremias – Pele*, escrita por Rafael Calça e desenhada por Jefferson Costa, observando como esta narrativa moderna constrói novos sentidos, positivos e relativos a tais personagens, até então marcadas por estereótipos negativos. Toma-se como principal referência teórica para tal análise a teoria da representação defendida pelo teórico cultural e sociólogo Stuart Hall, principalmente em sua obra *Cultura e representação* (2016), que defende a existência de dois sistemas de representação para a construção do sentido.

O primeiro refere-se ao sistema sob o qual todos os objetos, sujeitos, acontecimentos, etc., estão correlacionados a conceitos ou representações mentais; é a partir deste sistema que o mundo se torna inteligível, ou seja, “[...] o significado depende de um sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que podem ‘representar’ ou ‘se colocar como’ o mundo” (HALL, 2016, p.34). Este por si só é um sistema complexo, primeiramente quando pensamos que ele se constrói no compartilhamento com outros sujeitos e não individualmente. Depois, “[...] ele consiste não em conceitos individuais, mas em diferentes maneiras de organizar, agrupar e classificá-los, bem como em formas de estabelecer relações complexas entre eles” (HALL, 2016, p.35). Deste modo, traçamos similaridades e distinções entre signos diferentes, agrupando-os e separando-os a partir de suas características em

comum ou não – o sentido se torna dependente das relações entre as coisas do mundo e o sistema conceitual.

Todavia, apenas esse sistema conceitual compartilhado não basta, a representação realiza-se na união do primeiro sistema com o segundo sistema na qual se refere ao uso da linguagem como um dos processos de construção de sentidos. Assim, o nosso primeiro sistema, o mapa conceitual compartilhado, se inscreve em determinadas palavras, sons, imagens, etc. Hall defende que toda palavra, som ou imagem que carrega em si um sentido tratará então de um signo, “os signos indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significados da nossa cultura” (HALL, 2016, p.37). Vale ressaltar que o sentido de “linguagem” para Hall é mais amplo do que como Saussure a dividiu em *langue* e *parole*. Linguagem é toda imagem, palavra, som, objeto, etc, que funciona como signo, ou seja, que é capaz de exprimir ou carregar algum sentido e que esteja organizado com outros em um sistema.

Para nosso trabalho em questão, é preciso levar em conta esses dois sistemas, principalmente o segundo, pois trata-se de uma abordagem mais ampla de linguagem, permitindo explorar os limites da narrativa gráfica, que estará sempre sedimentando representações por meio de signos icônicos (visuais) e signos indexicais (escritos). A narrativa gráfica se configura no trabalho concomitante entre estes dois tipos de signo, na qual um sempre evocará o outro, ou seja, o signo visual sempre irá produzir um signo escrito, assim como o signo escrito irá formar um signo visual (VIGNA, 2012).

O processo essencial para a compreensão pelo qual *Jeremias – Pele* modifica o cenário acerca das personagens negras na literatura é o da transcodificação, todavia é preciso conhecer outros processos que fundamentam este último, principalmente a compreensão do que é o código, e a partir dele conseguimos traçar quais são as representações ligadas a um signo e sua funcionalidade.

Entre Hall e Saussure: o signo e seus sentidos

Stuart Hall entra em conformidade com Saussure quanto à arbitrariedade do signo, ou seja, o que liga o significante ao significado, ou ainda, nas palavras de Hall, o que une o sentido ao signo é arbitrário. Arbitrário porque não há nada nos signos que lhe garantam o sentido que possuem. Com outras palavras, os sentidos de um signo não são inerentes a ele, porém lhe são atribuídos. Saussure faz um adendo:

A palavra *arbitrário* requer também uma observação. Não deve lhe dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala; [...]

queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (2012, p.109)

A ligação entre a teoria de Saussure e Hall não é coincidência. No livro *Cultura e representação* (2016), Hall dedica uma seção inteira ao trabalho do linguista, chamada “O legado de Saussure”. O sociólogo tece as contribuições advindas da teoria do linguista e como ela serviu como parte da base teórica de sua própria teoria. O que é mais salientado por Hall é a relação entre o significante e o significado, cuja união formará o signo. Este aspecto é essencial para a teoria da representação, porque marca a dupla constituição do signo, assim como Hall defende que a representação sucede na relação entre os dois sistemas.

Nota-se que a arbitrariedade do signo permite que os conceitos ligados a ele possam ser modificados e esta é uma parte essencial ao estudarmos cultura e representação, pois deste modo o signo não possui um sentido inerente e invariável, mas de possível modificação e transformação. O sentido do signo se dará na relação entre significante e significado, todavia estes dois últimos são “[...] o resultado de um sistema de convenções sociais específico para cada sociedade e para determinados momentos históricos – logo, todos os sentidos são produzidos dentro da história e da cultura” (2016, p.59). Sendo assim, o signo é mutável, podendo modificar seu sentido devido ao contexto cultural e/ou período histórico. “Por ser arbitrário, o signo é totalmente sujeito à história; e a combinação em um momento particular, de um dado significante e um significado é o resultado contingente do processo histórico” (CULLER apud HALL, 2016, p.60)

Entendendo que o signo possui arbitrariedade quanto ao seu sentido, é preciso compreender que apesar da possibilidade de mudança há resistência para que os signos modifiquem seus sentidos. O significado não é fixo, no entanto, nós nos esforçamos para fixar um sentido aos signos. Hall defende a ideia de que este processo realizado por nós de fixação de sentidos aos signos é o código, e é por isto que ao pensarmos, por exemplo, em um peixe, será o código que irá nos coordenar a utilizar a palavra “peixe”, assim como virá em nossa mente a figura imagética de um peixe qualquer. Deste modo, o código é o processo responsável por ligar e fixar o sentido/conceito aos signos, tanto icônicos quanto os indexicais. Hall afirma:

Um jeito, então, de pensar a “cultura” é nos termos desses mapas conceituais compartilhados, sistemas de linguagem compartilhada e *códigos que governam as relações de tradução entre eles*. Os códigos fixam as relações entre conceitos e signos. Estabilizam o sentido dentro de diferentes linguagens e culturas. (2016, p.42).

O código nos é essencial, pois ao fixar as relações entre os dois sistemas de representação, ou seja, o sistema conceitual ao sistema linguístico, ele cria uma estabilidade que nos permite “[...] falar e ouvir inteligivelmente, e estabelecer uma ‘tradutibilidade’ entre nossos conceitos e nossas línguas. Isso permite que o sentido passe do enunciador ao ouvinte e seja efetivamente comunicado dentro de uma cultura” (HALL, 2016, p.42).

Todavia a problemática acerca do código será quais sentidos estarão fixados a determinados signos, isto porque, sabendo que o sentido é construído socialmente e historicamente, ele está sujeito à determinação de como aquela sociedade o pensa e o constrói.

Dessa maneira, como o objetivo deste trabalho é debater sobre a representação do negro em uma narrativa gráfica narrada no Brasil contemporâneo, é preciso compreender a sociedade e o histórico de nosso país em relação ao signo do negro, pois serão estes que fundamentarão o sentido fixado neste signo. Saber isto é fundamental para compreender o porquê, no Brasil, os sentidos ligados ao signo do preto/negro, independentemente do seu tipo (indexicais ou icônicos), serão majoritariamente negativos e racistas.

A narrativa de *Jeremias – Pele*, todavia, não reforça estes sentidos fixados no negro. Pelo contrário, ela entra em contraste com o código preconceituoso e traz à tona novos sentidos para este signo. Este processo pelo qual vemos a emergência de novos sentidos em contraposição ou não a um código já fixado é denominado, por Hall, como transcodificação. A transcodificação ocorre quando:

[...] o significado começa a escorregar e deslizar. Começa a derrapar, ser arrancado e redirecionado. Novos significados são enxertados nos antigos. Palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vêm à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos, coisas diversas sejam mostradas e ditas. (HALL, 2016, p.211)

Assim, buscaremos entender como a representação das personagens negras em *Jeremias – Pele* funciona como um movimento de transcodificação de sentidos até então consolidados, estes últimos primordialmente estereótipos racistas.

Entre textos e imagens, leituras possíveis

O gênero que estamos trabalhando é uma narrativa gráfica também conhecida em sua denominação original, *graphic novel*. Contudo este gênero é comumente confundido e classificado como uma história em quadrinhos. Este deslize quanto à sua classificação é de possível compreensão, pois a definição de narrativa gráfica é muito movediça e não delimitada.

O processo de diferenciação entre os tais gêneros, *graphic novels* e histórias em quadrinhos, ultrapassa características como formato e extensão, ou até mesmo o conteúdo trabalhado nas obras. Porém, tratou-se primeiramente, de: “[...] uma necessidade entre os roteiristas e desenhistas de verem suas obras reconhecidas como artísticas ou equiparadas à literatura, como se precisassem ser identificadas como um subgênero ou modalidade de literatura para terem alguma legitimidade” (OLIVEIRA, 2013, p.55).

Nota-se que, apesar da tentativa de classificações distintas, não há realmente particularidades inscritas no suposto gênero que o distingue de alguma história em quadrinhos e/ou *comics*. Na maioria das vezes, trata-se da tentativa de desenhistas e roteiristas distinguirem suas obras do *mainstream* do mercado de quadrinhos, logo, a definição entre histórias em quadrinhos ou narrativa gráfica é meramente convencional e arbitrária, ou até para atender interesses relacionados a fins financeiros. Isto porque, além do esmero quanto à edição que obras classificadas como narrativas gráficas possuem em relação às histórias mais comumente veiculadas, ao afastarem-se da cultura de massa e aproximarem-se do que é definido como literatura, conseqüentemente o mercado de livros lhe atribui outra valorização. Vigna confirma a pretensão das narrativas gráficas de se aproximarem da literatura: “A novela gráfica se pretende cada vez mais literária, desde sua guinada na década de 1970, quando almejou sair da sua recepção tradicional como bem de consumo de massa majoritariamente destinado a um público infantil ou semiletrado” (2012, p.185).

Contudo, como a definição do gênero é deslizante e pouco definida, além de características constitutivas, sua própria denominação passa pela mesma indefinição, algumas opções que nos aparecem são: *graphic novel*, preservando a nomenclatura original; romance gráfico; novela gráfica; e até narrativa gráfica. Assim, escolhemos a definição narrativa gráfica, porque, primeiramente, o próprio produtores, a *Graphic MSP*, definem uma destas nomenclaturas se dirigindo à como uma *Graphic MSP*, depois, pois ao tratar-se uma narrativa brasileira e sobre a realidade local a denominação em língua inglesa parece descabida, sendo assim a escolha de narrativa gráfica busca dar suportar tanto o caracter no eixo narrativo quanto do eixo gráfico da obra *Pele*.

Trabalhar com este gênero implica, por consequência, um outro olhar quanto à análise da obra literária, pois, como nosso foco recai sobre como se produz a representação na narrativa, não estaremos tratando unicamente de signos indexicais. Gêneros como o romance, o conto, etc., dificilmente são acompanhados por ilustrações, e, geralmente, quando isso acontece, as imagens não possuem um papel intrínseco à narrativa, porém, de apoio. A narrativa gráfica, por sua vez, tem sua construção de sentidos criada na combinação dos

signos indexicais e icônicos, os dois são intrínsecos à narrativa e um não pode ser descartado em detrimento do outro, pois o sentido é gerado na combinação de ambos.

A complexidade da narrativa gráfica é apontada no texto de Elvira Vigna, publicado no livro *Histórias em quadrinhos: diante da experiência dos outros*, organizado por Regina Dalcastagnè. Vigna iniciará marcando dois eixos aos quais toda narrativa gráfica está sujeita:

A novela gráfica trabalha em dois eixos espaciais, o eixo narrativo, sequencial e horizontal; e o eixo emotivo, que é perpendicular ao primeiro e se projeta em direção ao receptor. Este segundo eixo é formado por sobreposições na superfície da página. Tanto um quanto outro pode ser habitado por textos e imagens, indiferentemente. (2012, p.185)

O eixo narrativo é responsável por relatar algo, seja por texto ou imagens. Já o eixo emotivo tem a função de criar pausas temporais no primeiro eixo; o uso de textos e imagens irá sobrepor uns aos outros e eles se relacionam com o receptor. O eixo emotivo agirá na criação de suspensões, paralisações, etc, que retardam a narrativa do eixo horizontal.

Além dos eixos supracitados, ela aponta a questão das duas linguagens, a do texto e da imagem. Para economizar e evitar confusão de conceitos, manteremos a definição de Hall – signos indexicais e icônicos –, pois se trata do mesmo fenômeno, porém denominado de modos diferentes. Tantos signos indexicais quanto os icônicos estão presentes nos dois eixos, será a combinação destes quatro elementos – dois eixos e duas linguagens – que determinará o ritmo e a recepção, e a partir do modo como estes elementos se organizam podemos analisar uma narrativa gráfica.

Outro ponto trazido por Vigna é que, por mais que estejamos traçando diferenciação entre os signos indexicais e icônicos, a existência de um evoca, involuntariamente, a presença do outro, ainda que sua presença não seja concreta:

Não há texto sem imagens. Não há imagens sem texto. [...] O que eu quero dizer é que não há percurso gerativo de significação oriundo de texto que não provoque visualizações de eventos, impactos. Não há percurso gerativo de significação oriundo de imagem que não contenha subtextos prévios. Do contrário não entenderíamos nem textos nem imagens. (2012, p.187)

Nota-se que a análise de uma narrativa gráfica é muito complexa, pois é atravessada por múltiplos eixos e possibilidades. O objetivo deste trabalho é, nesta complexidade, observar como está funcionando as relações de representação do negro, tanto nos signos indexicais e icônicos, como também na formação de significantes em sua união, e ainda observar como esta narrativa é um produto cultural que possibilita novas construções de identidade e representação por meio da transcodificação.

Representação e identidade, relações inter cruzadas

A narrativa escrita por Calça poderia ser definida como a descoberta de uma criança, o Jeremias, como um sujeito racializado. O processo identitário é atravessado pelas questões representacionais, isto porque a (re)produção de significados e a (re)produção de identidades estão estreitamente vinculadas. Note-se no posicionamento de Woodward:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...]. Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (2000, p.18)

Contam-se então dois processos de construção de identidade ao trabalharmos com o *Jeremias – Pele*: um primeiro produzido pela narrativa gráfica – o Jeremias como representação, o seu valor como narrativa para uma nova comunidade leitora, trazendo novos sentidos para a população jovem negra e possibilitando acesso a uma representação na qual não se verá apenas ligado à marginalidade, pária da sociedade, etc; o outro processo, agora no interior da narrativa, relativo às múltiplas vivências, por Jeremias, de eventos de agressões e microagressões, fazendo com que ele passe a se entender como pessoa racializada e a buscar representações de outras pessoas semelhantes a si.

A busca pela identidade é valorizada por Munanga, pois é só a partir dela que os povos marginalizados podem se retirar do escopo da inferioridade que lhes é reservado:

Graças à busca de identidade, que funciona como uma terapia de grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar de uma luta coletiva. A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade. (2012, p.19)

Nota-se, conseqüentemente, o valor da representação para a construção de identidades e como os dois processos são intrínsecos e inter cruzados: as identidades vão servir como (re)produção de significantes para um signo, assim como os signos fixados serão fundamentais para a construção de identidades. Porém aqui temos uma área delicada, pois “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.” (WOODWARD, 2000, p.19). As instituições detentoras do poder político, econômico e jurídico reproduzem os

significados fixados por uma sociedade racista, logo as práticas de significação do negro são também racistas.

[...] É no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências. (ALMEIDA, 2021, p.38-39)

O código é o agente que fixa estes significados pejorativos e racistas no negro e em sua cultura; as instituições têm a função de manutenção e reprodução destes estereótipos a fim de perpetuar tais sentidos a esta população. Estes estereótipos fixados podem ser observados na pesquisa realizada por Maria Anória de Jesus Oliveira (2018), na qual analisa doze produções literárias infanto-juvenis publicadas entre 1979 e 1989. Ela elenca em cinco categorias (aparência, atividade profissional, espaço social, origem familiar e identificação) a síntese das características predominantes atribuídas a personagens negros. Por mais que haja a inovação quanto a ascendência de narrativas deste gênero com protagonismo negro, estas personagens eram predominantemente marginalizadas, geralmente abandonadas parentalmente, ligadas a profissões desprestigiadas e/ou em funções serviçais, etc. Isto porque as instituições detentoras de poder, ainda que trazendo como inovação o protagonismo negro, apresentam-no condicionado ao racismo estrutural definido pela sociedade vigente.

É neste ponto que ressaltamos o processo de transcodificação: a emergência de novas representações, como contra-estratégias na tentativa de introduzir, e até substituir, novos significados, para os signos. Vale apontar que o progresso gerado por estas mudanças não devem ser subestimado; modificar o signo marcado historicamente com representações até então negativas exige muito esforço, todavia Hall nos alerta sobre o “desvio multicultural”:

O processo disso que chamei de “desvio multicultural” alerta-nos para o fato de que a mudança ocorreu juntamente com a persistência dos antigos padrões de representação racializada. Assim enquanto os negros podem ser celebrados pela cultura popular as formas mais antigas de divisão e difamação continuam em operação. (2016, p.227)

O desvio multicultural é o processo de representação no qual os significantes de um mesmo signo estão em divergência; em outras palavras, dois processos de significação para um único signo estão sendo gerados continuamente. Especificando o signo do negro e sua cultura, estas duas concepções são contrastantes, a significação historicamente marcada e preconceituosa e a nova concepção para o velho signo, uma não substituindo a anterior.

Deste modo, enquanto o *Jeremias – Pele* funciona como um produto cultural capaz de modificar aspectos marcados preconceituosamente, não significa que deixaram de ser produzidos os significantes negativos. Enquanto a sociedade funcionar sob o racismo estrutural, ainda serão produzidas representações racistas acerca do corpo negro, seja ele ficcional ou não. Não é raro encontrar na mídia representações de negros socialmente aceitos e outros que não o são, “a divisão entre negros bons e maus também aparece na cobertura da imprensa popular” (HALL, 2016, p.227).

É importante salientar esse aspecto, pois as contra-estratégias não irão funcionar de modo pleno. A sua implantação é um exercício de resistência contra o processo de representação dominante, obviamente elas encontram/encontrarão resistência e dificuldade de inserção cultural. A transcodificação é uma operação que exige resiliência e persistência, só deste modo será possível construir, lentamente ou não, com maior resistência ou não, um novo parâmetro para o que se pretende modificar; no nosso caso especificamente, os significantes ligados a personagens negras, principalmente enquanto narrativa gráfica que atinge um público predominantemente infantil e juvenil.

Aproveitamos para enfatizar uma questão acerca da representação de minorias, no nosso caso, de pessoas não-brancas: embora vejamos na cultura popular a ascendência destes corpos se popularizar midiaticamente, não significa que estes grupos ascenderam socialmente. Este ponto é importante para não cairmos na armadilha do pensamento de que a representação resolverá todas as problemáticas destes grupos. Neste aspecto, Almeida – “[...] o racismo não se limita à representatividade. Ainda que essencial, a mera presença de pessoas negras e outras minorias em espaços de poder e decisão não significa que a instituição deixará de atuar de forma racista” (2021, p.49) – e Hall entram em consonância:

Mesmo que os negros tenham adquirido grande visibilidade e legitimidade dentro da cultura popular em áreas da música, moda e entretenimento, eles estão bem menos presentes ou visíveis no mundo do poder corporativo. [...] Embora as celebridades e figuras negras tenham estourado no campo da representação popular, ainda existem limites marcados de sua representação e participação nos centros de poder cultural e econômico (2016, p.228).

Representações e racismo

A discriminação racial no Brasil se organiza em um sistema que se perpetua mesmo após mais de trezentos anos depois do Brasil escravagista. O racismo não se dissolveu, apenas se desenvolveu para outras formas; conseguimos identificá-lo tanto como um problema reproduzido pelas instituições, como também uma discriminação organizada de modo estrutural. Tal divisão é proposta por Silvio Almeida e ele classifica o racismo em três tipos: o

racismo individualista, o institucional, e o estrutural; para este trabalho, vale ressaltar os dois últimos citados, pois o institucional é essencial para entendermos a relação entre representação e transcodificação, enquanto o estrutural alicerça a trama da narrativa.

É necessário compreender o racismo institucional para debater sobre as questões de representatividade, assim como afirma Almeida: “A representatividade [...] não é necessariamente uma reconfiguração das relações de poder que mantém a desigualdade. A representatividade é sempre institucional e não estrutural” (2021, p.111-112); em outras palavras, as representações não são, necessariamente, o reflexo do negro na sociedade. Ao vermos o negro representado em ascensão social e de poder, não significa que o grupo realmente esteja ocupando estes locais, as representações não modificam as configurações estruturais sob qual vivemos.

O racismo nesta perspectiva não está se resumindo a comportamentos individuais, mas é o resultado do funcionamento das instituições em dinâmica sob qual distribui, ainda que não intencionalmente e/ou diretamente, desvantagens e privilégios a determinados grupos com base na raça (ALMEIDA, 2021, p.37-38). É a partir das regras institucionais impostas que indivíduos se tornam sujeitos, “visto que suas ações e comportamentos são inseridos em um conjunto de significados estabelecidos pela estrutura social” (ALMEIDA, 2021, p.38-39). Tal pensamento inclusive entra em consonância com a teoria de Hall, principalmente sobre a questão do código, ou seja, em como a sociedade e a cultura fixam um conjunto de significados nos signos (seres, objetos, etc).

A narrativa gráfica objeto de estudo deste artigo possui um texto introdutório escrito por Maurício de Sousa, isto porque, apesar de a narrativa ser publicada com o selo Maurício de Sousa Produções, especificamente no grupo das Graphic MSP, essa narrativa foi roteirizada pelo Rafael Calça. Neste texto, Souza assume a falta de representatividade e protagonismo negro em suas produções:

Pele me ajudará inclusive a corrigir uma injustiça histórica: apesar de ser um dos meus primeiros personagens, o Jeremias nunca havia protagonizado uma revista sequer. E o faz, agora, em grande estilo. Tanto que esta história forte, verdadeira, emocionante e profundamente necessária chacoalhou o nosso estúdio e, daqui pra frente, estaremos muito mais atentos à realidade que nos cerca. E os leitores verão essas mudanças também nos nossos gibis mensais. (SOUSA, 2018, p.5)

Isto ocorre porque (ainda que indiretamente) as instituições acabam por (re)produzir este racismo que barra a transformação do negro em sujeito. As instituições estão passando por um processo de reorganização e reestruturação, pois não se admite mais tamanha desigualdade racial em seus quadros de funcionários, produções, etc. Para a manutenção deste

sistema desigual é preciso que duas coisas aconteçam: primeiramente, “existência de regras e padrões que diretamente ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres” (ALMEIDA, 2021, p.41); e, segundo, a inexistência e/ou o escasso número de espaços que se discuta raça ou gênero.

Debates acerca de raça e gênero vêm se tornando cada vez mais potentes e com maior acesso às pessoas, principalmente pelo advento da internet, que possibilita maior circulação de informações que muitas vezes não eram de interesse da mídia televisiva e/ou jornalística. Não é surpreendente que logo após a publicação de *Jeremias – Pele* em 2018, a personagem Milena foi incluída nos gibis mensais em 2019. Afirma-se, então, que os agentes responsáveis pela manutenção do racismo institucional estão sendo colocados à prova, e desestabilizando-os, “a instituição precisa se reformar à dinâmica dos conflitos sociais, o que implica alterar suas próprias regras, padrões e mecanismos de intervenção” (ALMEIDA, 2021, p.42).

Nos atentamos à especificidade do racismo institucional, pois nosso foco recai sobre a questão da representação e da fixação de sentidos no signo do negro, sempre depreciativas. Todavia não estamos afirmando que as instituições são responsáveis pelo racismo em si, mas sim pela sua manutenção e reprodução, pois “a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura previamente existente, [...] o racismo que esta instituição venha expressar é também parte dessa mesma estrutura” (ALMEIDA, 2021, p.47).

O processo de representação é de responsabilidade, das instituições, logo, se as representações ligadas ao signo do negro são racistas, conseqüentemente isto advém do racismo institucional. Todavia, o que ela irá representar não é definido pelas próprias instituições, mas pela estrutura. Até mesmo porque o racismo não se limita à problemática da representação, mas, também, das agressões, físicas ou não, e das microagressões.

O plano de fundo, ou seja, a inspiração para a escrita de *Jeremias – Pele*, é extraído, em parte, da vivência dos autores; é uma ficcionalização da realidade sob a roupagem do personagem Jeremias, como é explicitado no texto introdutório: “Então, Rafael Calça e Jefferson Costa foram escalados para contar a história de *Pele*. [...] Mais tarde, descobri que muitas das experiências vividas por Jeremias e seus familiares nas páginas a seguir foram experiências pessoais dos autores” (SOUSA, 2018, p.5). Tanto Calça quanto Costa são homens negros que durante suas vidas não puderam escapar das violências raciais mais ou menos explícitas.

O texto introdutório de *Jeremias – Pele* nos revela ainda acerca da discriminação racial presente nas instituições, e não trato a Mauricio de Sousa Produções (MSP) como um

caso isolado, em uma sociedade onde o racismo está introjetados em todas as camadas e instâncias. O estúdio apenas reproduziu até então o comportamento determinado por toda uma estrutura de poder.

A personagem Jeremias foi introduzida no universo da Turma da Mônica por volta dos anos 60, e é integrante da Turma do Bermudão, junto com Franjinha, Titi e Manezinho. Trago esta informação, pois Sousa compreende o apagamento das personagens negras em suas histórias – mesmo que introduzido há mais de 60 anos a personagem nunca obteve destaque. Isto nos revela mais uma faceta do racismo institucional, como afirma Almeida acerca da hegemonia nas instituições: “[...] concessões terão de ser feitas a fim de que questões essenciais como o controle da economia e das decisões fundamentais da política permaneçam no grupo hegemônico” (2021, p.41). Jeremias então servia como álibi contra a crítica à falta de representatividade negra neste universo.

O que muda com a publicação de *Jeremias – Pele* e, paralelamente, a introdução da personagem Milena no grupo principal, é que há situações para as quais as instituições não podem apenas abrir pequenas concessões aos grupos subalternizados, neste caso os negros, mas precisam realizar mudanças realmente efetivas a fim de que haja uma real reparação: “A instituição precisa se reformar para se adaptar à dinâmica dos conflitos sociais, o que implica alterar suas próprias regras, padrões e mecanismos de intervenção” (ALMEIDA, 2021, p.42).

Entendendo o racismo como estrutura, aceita-se, conseqüentemente, que as ações individuais, assim como também os processos institucionais, são produtos derivados desta sociedade organizada cujo racismo é regra e não exceção. “A viabilidade de reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica.” (ALMEIDA, 2021, p.50).

Ao defendermos o racismo como estrutura não estamos afirmando que esta é uma situação incontornável, mas que o racismo é um processo político e histórico que possibilita que indivíduos racializados sejam alvos de violência sistemática, seja ela intencional ou não, direta ou indiretamente.

Compreender o racismo sob esta perspectiva, contrário a uma concepção individualista, não significa entretanto a retirada da responsabilidade individual na prática de condutas racistas. O racismo estrutural não é álibi para tais comportamentos. A partir desse entendimento cabe a nós nos posicionarmos como sujeitos éticos, agentes na luta contra o racismo, isto porque:

[...] por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas. (ALMEIDA, 2021, p. 52).

Tendo isto em vista, sabemos então o quão importante é compreender quanto a representação parte do racismo institucional e é reproduzida por ele, ponto fundamental para a discussão proposta por este trabalho. Ademais, não podemos descartar a relevância do racismo estrutural para o debate da narrativa. Os eventos ali narrados ilustram e constroem para o leitor a vivência de pessoas negras no Brasil no âmbito escolar e particular.

É sob estes dois pilares que é preciso compreender esta narrativa: primeiramente, como seu caráter representacional está servindo como meio de transcodificação, atribuindo outros significantes, positivos e reais, no local dos até então racistas e depreciativos fixados no signo do preto, e também a narrativa de denúncia do Brasil da falsa democracia racial apresentado nas situações de preconceito vividas pelas personagens.

Análise

A narrativa gráfica *Jeremias – Pele*, resumidamente, narra a história de Jeremias, uma criança descobrindo-se como pessoa negra e como seu corpo é alvo de racismo sistemático, e, ao longo da narrativa, ele é vítima constante de microagressões por parte de diversos agressores (professora, colegas de turma, transeuntes/cidadãos).

O nó da narrativa efetua-se em uma atividade proposta na escola, durante a semana de profissões, em que todas as classes fazem algum trabalho sobre alguma carreira. A professora que realizará a atividade na sala de Jeremias não é nomeada. Ela propõe que todos venham vestidos a caráter da profissão designada a eles e apresentem uma redação sobre a importância dela para a sociedade. Os alunos se empolgam e começam a sugerir profissões que eles querem representar; a professora nega os pedidos e diz que será ela quem decidirá para não haver repetição, mas, sim, uma variedade de profissões. Neste processo de escolha, ao chegar em Jeremias, a professora escolhe a profissão de pedreiro. Quando ele sugere ser astronauta a turma cai na gargalhada e a professora diz que é uma profissão muito incomum e mantém sua escolha. A partir daí, Jeremias torna-se cada vez mais alvo de preconceito, principalmente de dois colegas de classe.

Figura 1 - Designação



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

Jeremias começa a ser perseguido e é alvo de críticas e chacotas de outros dois alunos, brancos. Nenhum colega, inclusive o melhor amigo, ou pessoa responsável, como a professora e o diretor da escola, se opõe contra estes ataques. Antes de chegar o dia da apresentação da redação e caracterização, estes dois alunos ainda atacam Jeremias em uma visita ao museu e, ao que parece, uma aula de educação física.

Apesar de a narrativa ter como protagonista a personagem Jeremias, ao longo da história podemos ver outras personagens negras também vítimas de preconceito racial, como: os outros, e poucos, alunos negros da sala de aula; os pais do Jeremias; os personagens negros de fundo, etc. Nota-se assim como o racismo atinge os indivíduos independente de sua idade, desde a infância até a sua fase adulta.

Este trabalho, como já dito, visa mostrar como *Jeremias – Pele* serve de boa referência para a representação de personagens negros, pois podemos ver no interior da narrativa como a representação, maléfica ou benéfica, pode afetar sujeitos negros em formação de identidade. Na narrativa, há duas representações que apresentam esta dualidade, as quais o processo formador de identidade está sujeito às representações que lhe são ofertadas; desta maneira a qualidade das representações decidirá se o processo identitário constituirá um sujeito bem ou mal resolvido com sua autoimagem.

A primeira representação, positiva, é a do astronauta negro Pereira. Ele é apresentado no anúncio do lançamento de sua nave ao espaço pela agência de pesquisa estelar brasileira, a BRASA (Brasileiros Astronautas). Ao tratar-se do universo da Turma da Mônica, há ligação

entre a obra *Jeremias – Pele* e personagens do mesmo universo; a BRASA é a mesma agência do Astronauta e a nave do astronauta Pereira é idêntica a do Astronauta.

Figura 2 - Astronauta Pereira



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

O Jeremias mal finaliza seu café-da-manhã e se dirige para frente da televisão para ver o lançamento; ao notar que o astronauta Pereira é negro, assim como ele, seus olhos chegam a brilhar e ele fica admirado com aquela pessoa. Posteriormente, após ter se visto no astronauta Pereira, quando a professora está designando as carreiras para o trabalho da Semana de Profissões, ele sugere ser astronauta. Felizmente, mesmo após a ridicularização de seus outros colegas de turma, Jeremias não deixa de se admirar com o espaço e a pesquisa espacial, tanto que ao final da narrativa seu avô o leva para visitar um planetário.

A outra representação, agora negativa, que atinge Jeremias não é apresentada midiaticamente, porém por meio do gibi favorito do garoto, o *Guardião da Noite*, uma narrativa sobre um super-herói qualquer que combate o crime e luta contra vilões para defender a cidade de Sombrio; trata-se de um pastiche do Batman, herói clássico da DC Comics.

A representação que faz Jeremias sentir-se mal com a própria imagem é a do colega do combate ao crime do Guardião da Noite, um personagem negro, que após uma cena de luta contra o inimigos lhe é proferido a seguinte frase: “Quem diria que este pequeno malandro daria um belo ajudante?” (CALÇA e COSTA, 2018, p.35). Este posicionamento por parte do herói do gibi lança o seu parceiro na estereotipização do negro como “malandro, bandido, sacana”, etc, por isso ele se supreende com o fato de o negro servir como um ajudante.

Figura 3 - O “malandro”



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

Apesar de o personagem estar trajado como um super-herói para proteger sua identidade, Jeremias consegue identificar, além da pele escura, os fenótipos negros na personagem, como o nariz largo e os lábios grossos. O garoto logo sente-se mal ao reconhecer neste “malandro” traços de si.

Nota-se assim que, ao debatermos a questão da representação e, conseqüentemente, a representatividade, não basta apenas vermos corpos negros em múltiplos espaços, mas, também, como estes corpos estão sendo representados; isso é fundamental para a construção identitária. Quando as instituições apenas reproduzem representações do signo do negro sob uma base racista e estereotipada, diretamente e indiretamente, temos deterioração do signo do negro na sociedade e visão do mesmo sobre si. Quando isso ocorre, “entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua pele, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua ‘inferiorização’ e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política; etc” (MUNANGA, 2012, p.22).

Contudo, ao final da narrativa, Jeremias se esbarra em um garoto durante sua visita ao planetário (posteriormente descobrimos que este garoto é o Franjinha), e acaba por derrubar o gibi que ele carregava; tratava-se da última edição do *Guardião da Noite*, com os dizeres “O Presente e o futuro juntos!”. Em sua capa, há o Guardião da Noite e seu colega estampados como uma dupla (inclusive, com ele em primeiro plano), ressignificando a personagem tomada anteriormente apenas como um malandro que serviu de ajudante, e agora é parceiro fixo do herói principal.

Figura 4 - O Presente e o futuro juntos!



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

O Jeremias, ao longo da história, demonstra ter uma boa percepção acerca da beleza e da estética negra; ele consegue identificar a beleza em sua mãe até mesmo dizendo que ela poderia estampar comerciais, assim como de sua própria imagem ao dizer, durante a aula de educação física, respondendo as provocações de João: “Não sou melhor, mas jogo bola melhor, e sou bem mais bonito, já estava me esquecendo” (CALÇA e COSTA, 2018, p.41).

Figura 5 - Modelo de comercial de TV



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

O fato de que em *Jeremias – Pele* o negro saiba reconhecer em seus traços particulares a sua beleza já é um ato de transcodificação, principalmente quanto à sua aparência em livros infantis e juvenis, pois o código fixado no negro pela sociedade e reproduzido pelas instituições é distante do que consideram belo. Assim afirma Oliveira em sua pesquisa:

“quanto à aparência [...], as narrativas que visam a denúncia racial também reforçam a associação do negro à ‘feíura’, à animalização, à caricatura. Inclusive, alguns chegam a ser motivo de zombaria, humilhação” (2018, s.p.). Por mais que Jeremias também seja alvo de microagressões constantes ligadas a sua aparência, a narrativa conta com uma trajetória da personagem quanto a sua aparência.

Como supracitado, a personagem possui uma boa ideia acerca da sua beleza e de seus pais, também negros. Isso já entra em conflito com a convenção social e o código que liga o negro à feiura, todavia com os ataques constantes de microagressões advindas da professora, dos valentões de sua classe, e o silêncio de seu colega mais próximo, Jeremias começa a sentir raiva de sua própria imagem, até o momento em que, após a briga em sua escola e a discussão com seu pai, ele raspa o próprio cabelo.

Figura 6 - Corte do cabelo



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

Neste ponto cabe abrirmos um espaço para debater acerca do corpo, a importância do cabelo para a comunidade negra e sua imagem. Ao analisarmos a representação do negro em uma narrativa gráfica, iremos, além de identificar como o corpo do negro se constrói por meio de signos indexicais, também como ele está apresentado visualmente.

É preciso compreender o corpo como espaço de transformação. Modificamos constantemente nosso corpo, seja pela utilização de determinadas roupas, adereços, cortes de cabelo, etc, enfim, o corpo é instável, mutável, adaptável, ele é uma utopia construída por nós: “para que eu seja utopia, basta que eu seja um *corpo*. Todas aquelas utopias pelas quais eu esquivava o meu corpo encontravam muito simplesmente seu modelo e seu ponto primeiro de aplicação, encontravam seu lugar de origem no meu próprio corpo” (FOUCAULT, 2013, p.11). Foucault, na conferência “O corpo utópico”, irá discorrer sobre como o corpo também é um espaço e defende como maquiagem, tatuagens e máscaras movem o corpo para outra espacialidade:

A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo,

fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. (2013, p.12)

Convidamos a pensar um pouco além, acreditamos que determinadas roupas, penteados, e afins estão ligados intrinsecamente à determinadas ideologias e culturas, assim, quando sujeitos assumem e/ou incorporam estas escolhas corporais ideologicamente e/ou culturalmente fixadas para si, conseqüentemente movimentam aquele corpo para o espaço imaginário ligado ao universo do outro vinculado por aquela ideologia e/ou cultura. Sendo o corpo utópico, carrega em si uma rede de relações históricas, culturais, identitárias, ideológicas dos indivíduos:

É no corpo que os homens comunicam seu pertencimento a grupos étnicos distintos, bem como os conflitos decorrentes dessas distinções. Na estrutura física do corpo pode-se ler concretamente as conseqüências de modelos econômicos que produzem a miséria ou o bem-estar dos indivíduos: as feridas, os odores agradáveis ou desagradáveis, a vestimenta rota ou elegante são verbos de uma comunicação acerca do processo de exclusão ou de inserção dos indivíduos na sociedade. (PEREIRA e GOMES apud GUAZINA e GUIMARÃES, 2016, p.129)

Poderíamos exemplificar este pensamento a partir das diversas personagens negras de *Jeremias – Pele*, na qual podemos ver personagens utilizando penteados de dreads a *black powers*, penteados intrinsecamente ligados à cultura negra. Todavia, nos apoiaremos no uso do turbante por parte da mãe de Jeremias. O uso do turbante é apreendido somente a partir da leitura dos signos icônicos que compõem a narrativa e aqui abrimos um pequeno parênteses acerca da representação imagética do negro na literatura.

Ao longo deste trabalho foi comentado o código fixado no negro socialmente e no campo literário, porém este último refere-se a narrativas com poucas ou nenhuma imagem, deste modo pensemos então como se configura a construção da imagem do negro na literatura. Não surpreendentemente, sua formulação também é permeada de estereótipos racistas e pejorativos. Abramovich relata um pouco como são representados os personagens nos livros infantis:

O preto? Ora, somente ocupa a função serviçal. [...] Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por conseqüência, coadjuvante na vida... Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, **gordona e bunduda**. [...] Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas... **Altivos e elegantes?? Nunquinha**. Se for ladrão, marginal... claro, é **pobre, desdentado, sujo, com roupas rasgadas, preto de preferência**, feio e bastante assustador! Nenhum colarinho-branco, evidente, é denunciado ou sequer indiciado como suspeito... (2009, p.36-37, grifos do autor)

Nota-se então a sedimentação de representações pejorativas e racistas que instituições reproduzem acerca do signo do negro, este que recebe resistência sistêmica para o impedimento de sua presença em toda e qualquer esfera de produção; quando rompe este barrreira, o espaço que lhe é reservado é o da representação subalterna e da inferioridade, contribuindo com a construção racista no imaginário social de crianças e jovens. Abramovich alerta sobre o perigo destas representações preconceituosas na literatura:

[...] preconceitos não se passam apenas através de palavras, mas também – e muito!! – através de imagens. E se vêem tanto estes estereótipos estéticos europeus, definindo personagens boas e más, as simpáticas e as terraficantes, as confiáveis e as condenadas à deslealdade eterna...(2009, p.40)

Neste ponto, novamente, *Jeremias – Pele* serve como transcodificação dos signo do negro. Apesar do movimento das instituições de reproduzirem imagens de negros e negras sob a ótica racista, esta obra entra na contracorrente deste movimento, ressignificando o que é ser preto na sociedade e valorizando a diversidade dentro do próprio grupo.

Pensemos aqui o signo icônico da mãe do Jeremias utilizando o turbante. Para podermos explorarmos melhor este signo trazemos algumas contribuições da semiótica. Nota-se que, ao entrarmos em contato com um signo, passamos por níveis, um deles mais restrito, para irmos para um outro mais complexo, amplo e cultural. “Barthes chamou o primeiro nível, descritivo, de denotação, e o segundo, de conotação. Ambos, obviamente, requerem o uso de códigos” (HALL, 2016, p.70). O primeiro nível, a denotação, é mais simples, trata-se da descrição de um consenso coletivo, é a ligação do sentido à linguagem, a formação do signo, ou seja, é nível que, ao vermos um turbante, sabemos identificá-lo; já o segundo exige irmos além da descrição, pois conecta o sentido a temas mais abrangentes. “Esse segundo e mais amplo significado já não se encontra em um patamar descritivo de interpretação óbvia. Aqui começamos a interpretar signos completos, nos termos do reino mais vasto da ideologia social – as crenças gerais, quadros conceituais e sistemas de valores da sociedade” (idem, p.71). A partir disto, cabe pensarmos no além do descritivo do signo do turbante, o que ele nos apresenta em um sentido mais amplo:

Na abordagem semiótica, não apenas palavras e imagens, mas os próprios objetos podem funcionar como significantes na produção do sentido. Roupas, por exemplo, podem ter uma função física simples. [...] contudo, também se apresentam como signos. Elas constroem significados e carregam uma mensagem (idem, p.68)

O turbante pode ser lido como um patrimônio da cultura negra, visto que foi objeto característico das escravas brasileiras, e lhe são atribuídos hoje muitos sentidos, pois é carregado de historicidade e cultura, tornando-se um símbolo da comunidade negra brasileira.

Deste modo, apesar de tratar-se ao primeiro olhar apenas de um signo icônico, ao representar uma mulher negra em *Jeremias – Pele*, o turbante traz a emergência de sentidos outros ligados à valorização da cultura negra. Assim afirmam Santos, Santana e Silva (2017, p.123-124): “Através do vestuário é possível transmitir significados e valores de uma cultura. [...] Por meio do turbante evidencia-se a ligação dos negros com seus costumes originais, simbolizando característica de resistência”.

Figura 7 - Turbante



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

Voltemos ao debate do corpo e da imagem. A personagem Jeremias, ao longo da narrativa, tem sua autoestima minada devido à sequência de microagressões que lhe vem atingindo, até que raspa seu cabelo em sinal de revolta contra sua imagem. Ao raspar seu cabelo, ele nega a si mesmo: “A rejeição do cabelo pode levar a uma sensação de inferioridade e de baixa auto-estima contra a qual faz-se necessária a construção de outras estratégias, diferentes daquelas usadas durante a infância e aprendidas em família” (GOMES, 2002, p.47).

Estas outras estratégias, na narrativa, dão-se em uma conversa que os pais do Jeremias têm com ele, após verem seu filho com aquele “corte” desfigurado. Ambos cancelam seus compromissos profissionais e durante o caminho ao cabeleireiro, a fim de arrumar o cabelo de seu filho, eles conversam sobre suas vivências e como eles o entendem, por terem passado pelo mesmo sofrimento durante suas infâncias. Após esta conversa, Jeremias consegue enxergar seus pais para além das figuras adultas: refletidas no vidro da vitrine de uma loja, surgem as imagens das crianças que eles foram um dia. Seus semblantes tristes e perdidos sugerem infâncias marcadas por experiências semelhantes e até piores a que Jeremias enfrenta. Assim, Jeremias entende que eles se esforçam para que ele não viva o que eles

viveram. O pai conta que entende a fúria do filho, que na idade dele sentia da mesma forma, mas que não se trata de uma briga, porém de uma luta, referindo-se ao movimento antirracista, a luta pelos direitos e pela conquista daquilo que sistematicamente lhes é negado.

Sua mãe, por sua vez, irá contar sua relação com o cabelo na infância, e como a mãe dela trançava seu cabelo com a finalidade de escondê-lo, para que não o vissem “armado”. Este processo todo é detestado por ela, por ser muitas vezes doloroso, relato comum entre meninas negras que passam pela mesma experiência. Segundo Gomes: “A sensação de ter o cabelo constantemente desembaraçado e de não precisar sofrer as pressões do pente ou os puxões para destrançar o cabelo foram comentários constantes, durante as entrevistas, acompanhados de expressões de alívio” (2002, p.43). Inclusive a pesquisadora entra em consonância com o fala da mãe de Jeremias, pois “[n]as sociedades ocidentais contemporâneas, algumas famílias negras, ao arrumarem o cabelo das crianças, sobretudo das mulheres, fazem-no na tentativa de romper com os estereótipos do negro descabelado e sujo” (idem, p.44). Por fim, afirma-se que o cabelo é um importante símbolo dentro da cultura e de uma comunidade. A manipulação do cabelo, seja para reforçar ou silenciar sua ligação com a comunidade, é algo que sempre esteve em pauta:

[...] o cabelo é uma construção simbólica social e importante para intervenções corporais. [...] o símbolo capilar pode significar pertencimento a um determinado grupo social fazendo os sujeitos partilharem de um movimento dinâmico para se reconhecer dentro e fora do grupo. (SANTOS, 2019, p.31).

Figura 8 - As tranças



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

Tomando como base do código da pesquisa de Oliveira, podemos notar que *Jeremias – Pele* rompe com o código em todas as características predominantes aos personagens negros. Como já citado, ela divide em: aparência, atividade profissional, espaço social, origem

familiar e identificação. Quanto à aparência já foi bem discorrido como as personagens negras de *Pele* entram na contra-corrente de representações esdrúxulas do negro ligadas à feiúra, à animalização e à caricatura.

Quanto à atividade profissional, Oliveira nota a predominância de personagens negros “[...] em atividades profissionais consideradas desprestigiadas socialmente, em funções serviços” (2018, s.p.); este código é fixado no signo do negro, que, tomado como alguém desprovido de habilidades “intelectuais”, é por isto sempre representado em uma atividade servil e desprestigiada socialmente. Isso é apenas o reflexo da estereotipização e do racismo da sociedade, que nega-se a ver sujeitos brancos em atividades que representam servidão, assim como analisa Corrêa: “Estão relacionados ao negro as características e habilidades ‘naturais’, como força e sexualidade, enquanto que ao branco cabem atividades ‘intelectuais’ ou da cultura” (2006, p.86).

Este aspecto é interessante de ser analisado, porque, novamente, *Jeremias – Pele* quebra com este estereótipo marcado pelo código, enquanto que, simultaneamente, denuncia este pensamento. Os pais de Jeremias, ambos, são arquitetos, uma profissão prestigiada socialmente e que exige dos profissionais exercício cognitivo para sua realização. Nesse sentido, eles apresentam uma ascensão profissional, pois o avô de Jeremias, por sua vez, foi pedreiro por muitos anos.

O contraponto, na narrativa, é que os personagens brancos marcam esta visão estereotipada de personagens negros: é a professora branca que escolhe para os alunos negros representarem, na Semana das Profissões, atividades como pedreiro, jogador de futebol e enfermeira, enquanto aos personagens brancos são designadas profissões como engenheiro, médica, ator, advogado, etc; nota-se a diferença entre atividades prestigiadas ou não socialmente, como também quais exigem mais habilidade corporal e força física do que “intelectual”, e a cisão entre a médica branca e a enfermeira negra.

Figura 9 - Semana das Profissões



Fonte: *Jeremias – Pele*, 2018.

Quanto ao espaço social, a pesquisa afirma que os negros estão predominantemente em espaços marginais, “[...] o morro, [...] a residência é o barraco ou ‘quartinho’ bem pequeno, [...] a favela é, principalmente, o lugar da marginalidade, povoada por traficantes e assaltantes” (2018, s.p.); contudo *Jeremias – Pele* não corrobora no reforço deste imaginário social do negro, pelo contrário, a família de Jeremias vive em um bom local, distante da realidade de morros e “quartinhos”, corpos negros que ocupam outros espaços além da marginalidade na qual a sociedade se esforça para fixá-los.

Sobre a origem familiar, Oliveira fala de ausência paterna, abandono parental, alguns personagens nem chegam a conhecer o pai, e conseqüentemente são criados pela mãe, sendo que algumas podem morrer durante a narrativa, deixando os filhos sozinhos no mundo, pois a narrativa não apresenta outros parentes. Enfim, considera-se que para o código as famílias negras estão condenadas à desestruturação. Já a família de Jeremias não apenas possui um núcleo familiar com pai e mãe, como apresenta uma rede de parentes, com a presença, também, do avô, por isso *Jeremias – Pele* rompe com o código até então fixado.

Por fim, quanto à identificação, Oliveira aponta como as personagens negras são denominadas nestas narrativas, constatando que muitas vezes sequer fazem alusão ao nome das personagens, ou são designadas por apelidos depreciativos. Contudo, em *Jeremias – Pele*, além dos comentários racistas e insultos direcionados ao protagonista, ele é identificado como Jeremias, seu nome próprio, ou pelo apelido carinhoso e de pessoas próximas, Jerê.

Conclusão

A representação do signo do negro foi construída social e historicamente ao longo do tempo, contudo como o código fixa estes valores e pensamentos vigentes na sociedade, ao pensarmos no contexto do Brasil, no qual o racismo organizou-se de forma sistemática e estrutural, desde seu “descobrimento”, conseqüentemente o signo do negro foi sedimentado por pensamentos racistas e depreciativos relacionados a pessoas não-brancas.

Pondere-se, portanto, como a narrativa gráfica produzida por Rafael Calça e Jefferson Costa (re)constrói novos sentidos no signo do negro, não apenas por não reforçar os estereótipos pejorativos aos sujeitos deste grupo, mas por trazer novas narrativas para o negro além da marginalidade, transcodificando os sentidos até então fixados, (re)produzindo novas possibilidades de construção de identidade a partir de boas representações.

A emergência de novos e outros referenciais é de suma importância para a construção identitária de sujeitos socialmente marginalizados, principalmente ao tratarmos de produções

culturais destinadas a um público infantil e/ou juvenil, cujos imaginário social e a constituição de si estão ainda em desenvolvimento.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0BwIIJRnCi0hMmg2SjVRdHhHY3c/view?resourcekey=0-45QjAzN7jo1LElgpw8P9xw>>. Acesso: 08/03/2022.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias – Pele**. Graphic MSP. São Paulo: Panini, 2018.

CARNEIRO, Júlia Dias. Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora. **BBC News**. Rio de Janeiro, 10 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767#:~:text=algum%20para%20celebrar.,O%20Brasil%20foi%20o%20ultimo%20pa%C3%ADs%20do%20Ocidente%20a%20abolir,na%20%C3%A9poca%20de%20%27retard%C3%A3o>>. Acesso em: 03/03/2022.

CORRÊA, Laura Guimarães. **De corpo presente**: o negro na publicidade em revista. Orientador: Paulo Bernardo Ferreira Vaz. 2006. 126 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Comunicação Social, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-6WHMDM?mode=simple>>. Acesso em: 27/02/2022.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Salma Tanus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013. p.7-16: O corpo utópico.

GOMES, Nilma Limo. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo**: reprodução de esteriótipos ou resignificação cultural?. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 06/03/2022.

GUAZINA, S., & GUIMARÃES, I. P. (2016). O super corpo negro: a representação do lutador Anderson Silva, no comercial The Great Preparation, da cerveja Budweiser. **Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, 15(29).

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Editora Autêntica, 2012.

OLIVEIRA, Marco Antonio Francelino de. **Depois da última página**: intertextualidade entre HQs e literatura na *graphic novel* A Liga Extraordinária. Orientadora: Rosana Cássia Kamita. 2013. 187 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106909>>. Acesso em: 04/03/2022.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **A tessitura dos personagens negros na Literatura Infantojuvenil Brasileira**. 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/120-maria-anoria-de-jesus-oliveira-a-tessitura-dos-personagens-negros-na-literatura-infantojuvenil-brasileira>>. Acesso em: 14/12/2021.

SANTOS, Damaris de Lima; SANTANA, Raicilane Barbosa de Jesus; SILVA, Renan Lima da. **O Turbante como representatividade da identificação negra**. Disponível em: <<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/420/210>>. Acesso em: 04/03/2022.

SANTOS, Denise Bispo dos. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade**. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

SOUSA, Maurício. Uma história que precisava ser contada. In: CALÇA, Rafael; COSTA, Jefferson. **Jeremias - Pele**. Graphic MSP. São Paulo: Panini, 2018. p.5.

VIGNA, Elvira. Os sons das palavras: possibilidades e limites da novela gráfica. In: DALCASTAGNÈ, Regina (Org.). **História em quadrinhos: diante da experiência dos outros**. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.